

## (In) visibilidade feminina no folheto de cordel

(In) visibility female in cordel leaflet

**Josilene da Silva Félix**

Mestranda em Comunicação e Culturas Midiáticas

Universidade Federal da Paraíba

rpjosi411@gmail.com

**Recebido em:** 30/12/2020

**Aprovado em:** 26/03/2021

**Resumo:** Este artigo pretende analisar e criar um espaço de discussão sobre a representação do feminino no folheto de cordel, no que compreende um recorte de folhetos do século XIX e meados do século XX. Para atingir o objetivo deste trabalho, será feito um levantamento bibliográfico, documental e sistematizado um corpus de cordéis nos quais sejam latentes as relações de gênero. Ao longo do curso dos séculos, as desigualdades em torno do gênero persistem, e é por essa desigualdade ainda latente, que ao final deste artigo pretende-se contribuir com a composição de narrativas que problematizam as relações de poder pelo aspecto de gênero, em diversos contextos, neste caso, partindo do estudo de folhetos de cordel. Dessa forma, este trabalho visa contribuir com as discussões teóricas-metodológicas e sua vertente acadêmica que analisam o gênero no processo de construção social e debatem a história do feminino no processo de luta social.

**Palavras-chave:** Literatura de cordel, representação; gênero

**Abstract:** This article aims to analyze and create a space for discussion about the representation of the female in the cordel leaflet, in which it comprises a section of leaflets from the 19th and mid-20th centuries. In order to achieve the objective of this work, a bibliographic, documentary and systematized survey will be made of a corpus of twines in which gender relations are latent. Over the course of the centuries, inequalities around gender persist, and it is because of this latent inequality that at the end of this article we intend to contribute to the composition of narratives that problematize power relations by the gender aspect, in several contexts, in this case, starting from the study of cordel leaflets. Thus, this work aims to contribute to the theoretical-methodological discussions and their academic aspect that analyze gender in the process of social construction and debate the history of women in the process of social struggle.

**Keywords:** Cordel Literature, representation; genre

## Introdução

É antigo o debate sobre as relações de poder, desigualdade e resistência estabelecidas entre homens e mulheres. No cordel, literatura que consiste numa poesia de caráter popular, trata-se de uma historiografia que durante muito tempo silenciou as mulheres, devido às formas de repressão impostas pelo patriarcado, centradas no discurso do masculino e produzidas por homens (GRILLO, 2007). Assim, fica cada vez mais evidente que a trajetória do folheto de cordel esteve centrada no homem, de tal forma, que as mulheres em sua maioria sempre assumiram posições de subalternidade. No entanto, apesar das mulheres estarem convivendo neste universo do folheto de cordel, elas até tiveram espaço para a produção, mas não podiam publicar.

Sendo assim, no que concerne a presença feminina no âmbito da cultura popular<sup>1</sup>, desde os tempos mais remotos a mulher sempre foi tratada com certa discriminação e invisibilidade, com raras exceções. No folheto de cordel, de certa forma, privada do campo da produção, a figura do feminino começa a aparecer como protagonista na produção de diversos cordelistas, permeada de estereótipos e com visões e representações multifacetadas, ora ela é frágil e submissa ora símbolo de prazer/tentação ou ainda como Eva simbolizando o “pecado”. Por outro lado, a figura masculina é sempre citada como estigma do superior/dominante e a mulher como serva, escrava, educada para cozinhar, cuidar dos filhos e da casa (NASCIMENTO, PACHÚ, ANDRADE, 2015, p.18). Assim, as mulheres não podiam narrar/publicar suas próprias histórias, mas era o principal alvo das histórias produzidas pelos cordelistas. Buscaremos, pois, no contexto deste trabalho analisar tais discursos e como estes, algumas vezes, reforçam ainda mais a exclusão e inferioridade do universo feminino.

Apesar dos estudos relacionados ao gênero apontarem crescimento ao longo do tempo, as mulheres, no Brasil, lutam por igualdade e, sobretudo, pela garantia dos seus direitos desde os tempos coloniais. Sabe-se que hoje muita coisa mudou, porém, ainda na atualidade, a figura do feminino sofre nas mais diversas esferas da sociedade com as heranças históricas deixadas pelo sistema patriarcal.

---

<sup>1</sup> Segundo Vannuchi (2006) trata-se de uma cultura criada pelo povo e oposta a cultura dominante, uma vez que, numa sociedade desigual, a cultura produzida pelo povo vive outros hábitos, costumes e, por conseguinte outra postura cultural. Por cultura popular entendem-se, crenças, músicas, literatura de cordel, habilidades artesanais, festas tradicionais, culinária e muitas outras vivências.

Questionando a ordem de dominação masculina, os movimentos feministas, contribuíram para importantes conquistas ligadas às situações das mulheres na política, no trabalho e na vida cotidiana. Sinteticamente, o feminismo, assume um papel importante nesta problematização da categoria de gênero, caracterizado de maneira geral, como um movimento que reivindica e luta pela igualdade social (SILVA, 2013). Ainda em conformidade com SILVA (2013, p.107) “[...] a influência dos movimentos feministas na academia inicia no final dos anos de 1960 e toma corpo a partir da década de 1980 passando pela militância de pesquisadoras (es) que trazem para as ciências humanas e sociais uma renovação de conceitos e paradigmas”.

As discussões relacionadas às questões do gênero, então, ganharam atenção em diferentes campos do conhecimento, principalmente nas áreas da educação, sociologia, antropologia, psicologia, enfermagem, literatura e história (SILVA, 2013). No que compreende o campo da comunicação, pesquisas evidenciam que esta temática veio se desenvolver nas últimas décadas. Todavia, como bem nos aponta a pesquisadora Escosteguy (2012), houve uma dispersão do crescimento temático do gênero nas pesquisas em comunicação por volta da década de 1990 e que embora venha ganhando força, ela caracteriza como urgente colocar em evidência esta problematização no campo da comunicação (CORUJA 2018). Estes estudos, por sua vez, na maioria das vezes, concentram a discussão do feminino nas redes digitais, jornais, revistas, televisão. É nesse sentido, que a importância desse estudo se deve ao fato de tecer reflexões sobre as questões de gênero que permeiam a sociedade nos diversos meios de comunicação e aqui direcionamos o olhar para a comunicação popular ora também refletindo acerca de quanto o campo da comunicação estar cada vez mais envolvido de maneira integrada com o campo da cultura.

Apesar do fortalecimento da luta das mulheres terem se fortalecido ao longo do tempo, é pela desigualdade ainda latente, realidade não apenas brasileira, mas mundial, que as relações de gênero precisam continuar sendo discutidas, caracteriza-se assim, o gênero como uma categoria de análise não somente útil, mas fundamental (WOLFF, POSSAS, 2005). Portanto, este trabalho visa contribuir para a problematização dos estudos relacionados ao gênero em diversos contextos, neste caso, nos ciclos temáticos do cordel, acentuando o folheto de cordel como um veículo cultural de informação.

Para entender esse contexto, o estudo proposto trata-se de uma pesquisa com abordagem de natureza qualitativa, ou seja, não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas, não tendo, portanto,

como prioridade a representação numérica (PRODANOV; FREITAS, 2013). Quanto aos objetivos, esta pesquisa é exploratória, sob a perspectiva de Gil (2007), dada sua natureza exploratória, tem o objetivo de proporcionar maior familiaridade com o assunto a ser investigado, com o intuito de torná-lo mais explícito. Para a verificação do tema abordado foi feito um levantamento bibliográfico, documental e os cordéis foram analisados a partir da análise de conteúdo de Bardin (2009), a análise de conteúdo se configura como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Dessa forma, procedeu-se o levantamento e à leitura dos folhetos e foram encontrados indicadores nos quais fossem latentes as relações de gênero. O período delimitado compreende a segunda metade do século XIX e meados do século XX, este recorte é relevante porque transita entre os folhetos contextualizados no período colonial patriarcal confrontados com as ideias surgidas no período republicano.

Sendo assim, como objeto empírico serão analisados 4 cordéis, escritos no período delimitado e escolhidos por acessibilidade, são eles: “O peso de uma mulher” e “O inferno da vida”, ambos inscritos por Leandro Gomes de Barros e “Como se amansa uma sogra” e “Mulher em tempos de crise” de João Martins de Athayde.

### **O cordel**

Sob a ótica de Beltrão (1980), as expressões da cultura popular transitam e se interacionam com a comunicação popular. Dessa forma, Beltrão se propõe a estudar os elementos que fazem parte do processo de comunicação popular a partir de uma análise da cultura. É nesse sentido, que em meados dos anos 1960 surgiu a teoria da Folkcomunicação<sup>2</sup>, primeira teoria da comunicação genuinamente brasileira. Luiz Beltrão, então, caracterizou a literatura de cordel como parte integrante da Folkcomunicação, pois é

entendida como a comunicação por meio do folclore, comunicação em nível popular, que se refere ao povo e não utiliza dos meios formais de comunicação. Estes estudos centram-se em manifestações que utilizam ‘mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural (BELTRÃO apud MARQUES DE MELO, 2008, p. 110).

---

<sup>2</sup> “Folkcomunicação, é o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (BELTRÃO, 1980, p.24).

O poeta cordelista contempla vários temas, resgata aspectos da vida cotidiana, conta e reconta histórias que transitam entre ficção e realidade. Dessa forma, a principal característica da literatura de cordel é a capacidade que o cordelista tem de codificar as mensagens veiculadas pela indústria cultural, acontecimentos, fatos do cotidiano, das comunidades, e comunicar-se em nível cultural-artístico-popular, pela improvisação, pelas rimas, pelo tom humorístico

No Brasil colônia, com tecnologias muito limitadas, bem antes da mídia moderna, do rádio, do jornal ou da televisão, o cordel, então, era muito utilizado e difundido, como veículo transmissor da informação. Os cordelistas, noticiando fatos e acontecimentos da época faziam o papel de verdadeiros jornalistas, repórteres do verso, principalmente nas cidades interioranas, o cordel era considerado o jornal do sertão (COSTA, 1978). Contextualizar o cordel no cenário da cultura popular, versa sobre aspectos que o revelou como fonte de informação, percebe-se que através da arte do cordelista a notícia vira poesia e o poeta assume o papel de poeta-repórter.

Para o homem pobre do meio rural, principalmente, carente por demais meios de comunicação e expressão o cordel passa a significar quase tudo. Os poucos alfabetizados lêem para grandes grupos que saboreiam cada linha narrada. O cordel é jornal, é divertimento, literatura, meio de difusão de conhecimento da história e da cultura. É meio de expressão de sentimento, meio de refletir e pensar a realidade. É, sobretudo um veículo que permite participar da vida do país, debater a realidade, expressar necessidades e aspirações do povo (COSTA, 1978,p.17).

Sabe-se que as origens do cordel no Brasil são oriundas da Península Ibérica, mais precisamente trazida pelos Portugueses no período da colonização. Embora não se possa precisar quando esta cultura popular, floresceu no nordeste brasileiro, desde a sua chegada é caracterizada como um dos principais símbolos da cultura brasileira, mas precisamente do povo nordestino. O nome folheto de cordel, foi assim denominado porque em Portugal eram expostos pendurados em barbantes, entretanto, trata-se de uma poética que antes de ganhar o suporte impresso, nasceu da oralidade (COSTA, 1978). Surge com a escrita um novo processo, da voz que se fez letra (SANTOS 2011).

Principalmente na segunda metade do século XIX, o folheto de cordel era fortemente presente, no entanto, levando em consideração as inúmeras mudanças ocorridas, principalmente as tecnológicas, a partir da segunda metade do século XX, o cordel passa por um processo de desvalorização e redução na sua forma de circulação e produção, período que ficou conhecido como a “crise do cordel”, essa nova conjuntura silenciou o cordel durante quase uma década. Todavia, apesar da crise enfrentada com

o surgimento das novas tecnologias de informação, o cordelista aguça a sua capacidade de reinventar-se e reconfigura o cordel, tanto no seu formato original como adaptado com as novas tecnologias, trata-se de uma recriação de uma tradição já existente para adaptar-se a uma nova situação (SANTOS, 2011).

É sensato considerar que os indivíduos não são tocados homogeneamente por uma nova tecnologia. A letricidade, por exemplo, não chegou, até a contemporaneidade, a diversos lugares pelo país, muitas comunidades e famílias da zona rural permanecem sem o contato com essas tecnologias. Portanto, é compreensível que a Literatura de cordel, na maneira tradicional de sua produção e consumo, haja perdido espaço, sobretudo, nas cidades, mas não se pode considerar o completo desaparecimento da antiga forma de se ler, escrever e fazer circular o cordel (SANTOS, 2011, p. 6).

Dito isso, em conformidade com Wolton (2010) ontem as tecnologias eram limitadas, hoje as mensagens são incontáveis, no entanto, mesmo em meio as tecnologias mais sofisticadas, os receptores filtram, hierarquizam, recusam ou aceitam as incontáveis mensagens recebidas, tornando-se impossível desconsiderar, descartar ou ignorar as trocas e produções de conteúdo movidas pelas experiências culturais.

Por meio de sua linguagem tradicional e seus versos rimados, linguagem esta, que os cordelistas transmitem a informação e conseguem atingir um público cada vez mais amplo. Dentre os temas que abordam, encontra-se fé, devoção, raízes nordestinas assim como também é portadora de reivindicações falando sobre política, educação, história, entre outras coisas. Dessa forma, a literatura de cordel é um veículo informacional que convida a refletir acerca dos mais diversos aspectos da sociedade em que vivemos.

Direcionando o eixo-temático para o feminino, apesar da Literatura de Cordel ter conquistado um grande espaço nos mais diversos âmbitos, do período que se estende o seu aparecimento na segunda metade do século XIX, a participação feminina neste campo foi praticamente inexistente, pois para a sociedade a mulher era a figura de um sujeito que culturalmente não era reconhecida e quando aparecia era pelo olhar do sexo masculino. Sendo assim, deixadas de fora por um campo exclusivamente masculino, a história das mulheres foi narrada pelos homens que as tornavam públicas do jeito que lhes convinha.

### Cordel e as questões de gênero

Desde o aparecimento do folheto de cordel até bem recentemente, as mulheres foram invisibilizadas, falar desta poética é falar de uma produção marcadamente masculina (SANTOS, 2016) “mesmo convivendo e assistindo àquele contexto rico em poesia, não lhes era permitido inserir-se nele. A elas cabiam outras tarefas, outros afazeres, em geral, as domésticas, ou trabalhavam na roça” (SANTOS, 2006, p 185).

Segundo Perrot (2005) durante muito tempo as mulheres e a escrita de sua história foi silenciada, isto porque

[...] elas aparecem menos no espaço público, objeto maior da observação e da narrativa, fala-se pouco delas e ainda menos caso quem faça o relato seja um homem que se acomoda com uma costumeira ausência, serve-se de um masculino universal, de estereótipos globalizante ou da suposta unicidade de um gênero: A MULHER (PERROT, 2005, p. 11).

Revisitar o passado é uma forma de compreender melhor o presente. Dessa forma, voltando o olhar para passado, percebe-se que sempre existiram mulheres, mulheres cantadoras, repentistas que recitavam, mais que não publicavam, vozes que foram silenciadas, esquecidas, pois enquanto mulher não eram bem vistas pela sociedade. Registra-se que o primeiro Cordel feito por uma mulher, foi pela poetisa paraibana Maria das Neves Batista Pimentel (1913-1938), que profundamente marcada por padrões machistas, teve que se encobrir com um pseudônimo masculino (MEDONÇA,1993). De acordo com Santos (2006), este silêncio comumente associado a grafia da mulher pauta necessariamente sobre a sua condição de subordinação e passividade, a maioria dessas mulheres, sobretudo as sertanejas, não sabiam ler, nem escrever.

Outrora privada do campo da produção, por vários fatores oriundos da estrutura social<sup>3</sup>, a figura do feminino começa a aparecer como personagens na produção de diversos cordelistas, com vários enfoques e em situações distintas, tais representações, na maioria das vezes, corroborando para intensificação dos discursos moralizantes e conservadores.

---

<sup>3</sup> As mulheres ficam responsáveis pelas atividades da esfera do reprodutivo-atividades relativas à manutenção da estrutura doméstica- e os homens, na esfera do produtivo, os quais são considerados como gerador de renda e de produção de bens econômicos. (REIS, 2012, p.106).

De acordo com Santos (2006, p. 185) “a exclusão das mulheres no interior da literatura de cordel se constitui tanto pelo aspecto do gênero – o fato de ser mulher num universo marcadamente masculino, como, por estar falando de um lugar historicamente deixado em segundo plano, o campo da cultura popular, marginalizado por uma “literatura oficial - a do cânone-”. Nesse sentido, estudos críticos sobre os folhetos fazem parte de uma luta constante sobre a questão da mulher e do gênero, no popular. É nesse sentido que se acredita que a Literatura de cordel oferece possibilidades de discutir sobre as questões de gênero a partir da análise de representação do feminino.

### Resultados e discussões

O número de folhetos que tem como temática o gênero feminino, são diversos, buscaremos, pois então, discutir, embora sinteticamente, sobre alguns folhetos produzidos na segunda metade do século XIX, período em que a sociedade passa por uma estrutura patriarcal, conservadora e meados do século XX, período em que a sociedade passa por um processo de modernização, em que valores e tradições são questionados. “ O inferno da vida<sup>4</sup>” é um folheto inscrito por Leandro Gomes de Barros<sup>5</sup>, um dos poetas pioneiros, inclusive foi o primeiro cordelista a introduzir a sátira ao gênero feminino, sendo alvo de muitas críticas pela forma de como ele abordava à representação feminina. Esse contexto pode ser observado pelo seguinte fragmento retirado do cordel acima mencionado.

Há três tormentos na vida  
Que o homem tem porque quer  
Que é um menino engeitado,  
Uma sogra, uma mulher  
Um avô velho também  
Ninguém nota o que ele tem,  
Mas, só em fazer sermões  
E lembrar-se da mocidade,  
Aflige a humanidade  
Com essas lamentações

A mulher é uma chaga  
Que o homem tem sobre o peito,

---

<sup>4</sup> Todos os folhetos aqui mencionados estão disponíveis no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa <http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=RuiCordel&pasta=&pesq=LC0002&pagfis=2178>. Acesso em 08, nov, 2020.

<sup>5</sup> Leandro Gomes de Barros (1865-1918) poeta paraibano, nascido na cidade de Pombal, radicado em Recife. Barros foi um dos poetas cordelistas pioneiro e até hoje é a principal referência na produção de cordéis, reunindo o maior número de folhetos já produzidos, é considerado o rei da poesia no sertão. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro.html>. Acesso em 22 de nov, 2020

Não há remédio que a cure  
Só a morte dá um jeito  
E um asmático vexado,  
Que traz o homem atacado  
Como tísica pulmonar  
E uma aneurisma forte  
Que só por meio da morte  
Tem-se alívio desse mal  
(BARROS, s/d, p.1)

Percebe-se que Leandro Gomes de Barros por meio da poesia, expressa um olhar sobre a mulher como um indivíduo que é considerado um fardo na vida de qualquer homem, uma doença que o único remédio seria a morte. Além disso, assinala que a vida é um inferno ao lado de uma mulher. Esta é uma das razões pelas quais esta discussão ganha sentido, é importante que seja observado o fato de que tomando o homem-poeta, este é um ser que contribuiu para disseminar o preconceito contra as mulheres. Assim, como também, é fundamental, estabelecer esta análise com a figura da sogra. Mediante esse contexto, cito outro fragmento do mesmo folheto:

A moça sendo de raça  
Não é preciso ensinar  
Ella por si desenvolve-se  
Pois tem muito a quem puchar  
A mãe era uma serpente  
Ferina e encandecente  
Que todos tem medo dela  
Vive o homem neste risco  
Morando com corisco  
Ou com o cometa Biela.

Veja se o pobre diabo  
Com uma mulher bem esperta  
Com a sogra dentro de casa,  
Esse infeliz não aperta?  
A mulher fica enjoada  
Por nada chora zangada,  
Diz que ainda deixa o marido  
E a velha na paixão  
Diz a ella:\_ Tens razão  
Pois ele é muito atrevido.  
(BARROS, s/d, p. 2)

Neste fragmento, Barros retrata a figura da sogra negativamente, em tom discriminatório, a sogra na maioria das vezes é associada aquela mulher faladeira, artilosa, mesmo que não seja a intenção do cordelista ou também pode ser que seja, ele diz e cria, dissemina este imaginário, aqui fica

evidenciado que o mesmo ridiculariza os seus personagens, neste caso, a mulher. A mulher que cumpre o papel da sogra, por sua vez, até hoje carrega essas acunhas pejorativas que foi construída pela sociedade e reforçada em forma de folhetos. É importante ressaltar que este imaginário pejorativo em torno da mulher, não se restringe apenas ao folheto de cordel, muitas mulheres carregaram (e carregam) preconceitos, discriminação, em várias mídias, é o caso de algumas músicas, a exemplo das que se seguem:

À procura de carro, a procura de dinheiro / O lugar dessas cadelas era mesmo num puteiro (...) Não eu não sou machista, exigente talvez / Mas eu quero mulheres inteligentes, não vocês (...) E pra você me entender, vou ser até mais direto/ Loira burra, você não passa de mulher objeto (Loira Burra, Gabriel o pensador).

Minha nega na janela/ Diz que está tirando linha / Êta nega tu é feia / Que parece macaquinha / Olhei pra ela e disse / Vai já pra cozinha / Dei um murro nela / E joguei ela dentro da pia / quem foi que disse que essa nega não cabia? (Minha Nega Na Janela – Germano Mathias).<sup>6</sup>

Também podemos perceber no folheto escrito por João Martins de Athayde<sup>7</sup>, por título “Como se amansa uma sogra”; a indicação de fatores que reforçam e incentivam o preconceito contra as sogras;

Vi o diabo de corcoras  
Um mês depois de casado  
Quando julgava passar  
A lua de mel deitado  
A doce, o queijo e o vinho  
E a pequena de um lado

Porém a mãe dela  
Cobra conhecida  
Há pouco mordida  
Por uma cadela  
E quem era dela  
Inda eu não sabia  
Tinha a teoria  
Da mãe de macaco

<sup>6</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/12-musicas-que-reproduzem-machismo-e-violencia-contr-a-mulher/>. Acesso em: 20 de mar, 2021.

<sup>7</sup> João Martins de Ataíde, poeta paraibano, nascido na cidade de Ingá do Bacamarte. Publicou seu primeiro folheto em 1908, impresso na tipografia moderna, apesar de ter nascido na primeira geração, faz parte do grupo de poetas que ingressaram neste campo a partir da década de 1930. As publicações de Athayde são quase sempre imprecisas, pois vários poetas foram editados por ele, o principal deles, sendo, Leandro Gomes de Barros. Disponível em: <http://literaturacordelba.blogspot.com/2011/04/>. Acesso em: 24 de nov, 2020.

Tomava tabaco  
Fumava e bebia  
(ATHAYDE, s/d, p. 1)

É mais fácil se amansar  
Uma cobra de veado  
Do que uma sogra velha  
Dessas do olho virado  
Cabelouro levantado  
(ATHAYDE, s/d, p. 1)

No contexto destes folhetos, bem como de tantos outros, na perspectiva popular a identidade feminina da sogra é a que mais recebe críticas, acentuadas de maneira irônica, preconceituosa e grotesca. Parece-nos conveniente questionarmos: a figura da sogra representada pelos poetas seria para agradar ao público ou por questões pessoais? Com esse tipo de discurso os poetas cordelistas contribuíam para disseminar a imagem da sogra de maneira tão negativa que até hoje, a mulher na posição de sogra é protagonizada de forma pejorativa e depreciativa, na maioria das vezes, vista como um problema no seio familiar de um casal, pois interfere na estrutura que configura a figura do homem como o chefe da família. Esses folhetos acabam, portanto, reforçando o discurso que relega a mulher à condição de inferioridade.

“O peso de uma mulher” também é um dos folhetos que trazem temas desqualificando o feminino. Conforme podemos observar:

O rapaz vê uma moça  
Por ela fica encantado  
Sedutora e feiticeira  
Parece um sonho dourado;  
Os lábios parecem mel,  
Mas tendo a taça do fel  
Guardada no coração,  
O homem passa a não ver  
E só chega a conhecer  
Depois que está na prisão

Pede-a em casamento e casa,  
Pensa que leva uma jóia,  
Mas leva é um carcereiro  
Que o prende e não dá-lhebóia;  
Se a mãe dela for também,  
Ele verá muito além,  
Por onde a fortuna passa,  
Exclama: \_ Fiquei sujeito!

Só a morte me dá jeito  
Sair dessa desgraça  
(BARROS, s/d, p. 1)

Em consonância com o pensamento vigente da época, Barros neste folheto refere-se ao casamento. Educadas pela sociedade para assumir o papel de cuidar da casa, do marido e da educação dos filhos, calcado em estereótipos patriarcais, a mulher passivamente aceita e anseia pelo casamento, Barros, no entanto, apresenta a figura da mulher como sedutora e feiticeira que seduz o homem para prendê-lo e associa o casamento à algum tipo de tormenta e que só a morte salvaria o homem deste sofrimento. Percebe-se que não importa o que a mulher faça ou o papel que ela ocupa, continuam sendo representadas satiricamente.

Outro exemplo é o folheto “Mulher em tempo de crise”

Mulher é um objeto  
Que nasce por excelência  
É o coração do homem  
É a flor da existência  
Também quem a possuir  
Tenha santa paciência

Ela nascida é um anjo  
Como moça um sol nascente  
Como noiva uma esperança  
Como esposa uma serpente  
Como mãe uma fruteira  
Como sogra uma serpente

Se não houvesse mulher  
Era preciso fazê-la  
Uma casa sem mulher  
Não há quem deseje vê-la  
É como um dia sem sol  
Uma noite sem estrela  
(ATHAYDE, s/d p. 1)

Constatamos neste folheto uma variabilidade de posicionamentos, de um lado ele elogia, a mulher é a flor da existência, é a esperança, é a organização do lar, mas por outro lado essas imagens são colocadas com o propósito de reafirmar o papel que a mulher ocupa na vida do homem, na estrutura familiar, que, por sua vez, exige-se que a mulher seja exemplo de virtude, filha exemplar, esposa dedicada, percebemos que essas ideias são refletidas pelo poeta quando ao lado dos elogios estão os exemplos de submissão.

Nas primeiras décadas do século XX, o Brasil passa por um processo de modernização, transformações advindas com o sistema republicano inspiradas aos moldes europeus. Com os novos modelos de sociabilidade, as mulheres começam a ser influenciadas por estas mudanças, comportamentos estes que envolviam: cortes de cabelos, vestuário, outros atrativos como a maquiagem e frequentar lugares antes de uso exclusivamente masculino. Tomando o homem como o centro, estas posturas passaram a provocar certos incômodos. Dessa forma, os poetas de cordel da era republicana, a exemplo de Leandro Barros, que foi um dos primeiros a manifestar as suas insatisfações, em “As saias calções”, critica as transformações ocorridas nos tempos modernos, como podemos observar nos seguintes versos;

Depois que vejo essa moda  
De mulher botar chapéu,  
Pegou a faltar chuva  
Secaram as nuvens no céu  
Os pobres paes de família  
Estão soletrando charéu

As mulheres que só vivem  
A sondar a invenção  
Acharam que estavam bem  
Inventando cinturão  
Com pouco mais ellas andam  
Com cartucheira e facão  
(BARROS, s/d, p. 1)

Este folheto, refere-se a luta pela participação da mulher em todos os espaços, ressaltando as mudanças no vestuário feminino, no entanto, percebe-se que, para Barros estas mudanças de atitudes e transformações não condiz com a fisionomia feminina. Aqui, se revelam os percalços sofridos pelas mulheres, haja vista que, qualquer comportamento que estivesse fora dos padrões definidos, era negado. Para Grillo (2007, p. 125)

O discurso masculino do início do século passado, difundido através da imprensa, tinha a intenção de comprovar o verdadeiro papel do sexo frágil e, ao mesmo tempo, advertir para o perigo da liberação feminina. De acordo com esses discursos, a mulher seria o esteio da espécie, enquanto o homem seria a variação, encarregado de fecundar a matriz. A natureza destinava à fêmea a árdua tarefa da geração: o útero, órgão da histeria e gravidez, colocava-a em posição inferior ao homem.

A discussão no folheto continua;

Além da tal pulseira

Com que vivem algemadas  
Chegaram as saias pamonhas  
Com essas vivem peiadas  
Agora as saias calções  
Chegaram mesmo damnadas

Procuro um geitonellas  
De forma nenhuma acho  
São botões como diabos  
Desde cima até em baixo  
Estando mulheres e homens  
Parece ser tudo macho  
(BARROS, s/d, p. 2)

Percebemos que, a temática do gênero vem sendo debatida durante décadas no Brasil, no que se refere a luta pela participação e valorização da mulher na sociedade, e o contexto vai mudando em função da própria história da mulher e da sociedade, a questão é importante na medida em que gera interesses sobre certos assuntos que mesmo depois de séculos ainda são colocados em pauta: a realidade da mulher ontem e a realidade da mulher hoje. Toda essa construção social está diretamente relacionada com a nossa cultura, pois por muito tempo a sociedade reproduziu a lógica da exclusão das mulheres, gerando um círculo vicioso. Observando os folhetos apresentados, escritos por autores masculinos, percebe-se que os folhetos que se perpetuavam acabavam confirmando o preconceito, a discriminação, assim como também a subordinação da mulher em torno do homem.

As conquistas e garantias do direito das mulheres se deram de forma muito lenta e ganharam força e repercussão com a colaboração dos movimentos feministas. Nesse intento Bandeira (2008, p.210) apresenta princípios norteadores dos movimentos feministas.

a crítica feminista explicita, incorpora e assume a tomada de consciência individual e coletiva, a qual é seguida por uma *revolta* contra o entendimento presente nas relações de sexo/gênero e a posição subordinada que as mulheres ocupam em uma dada sociedade, em um dado momento de sua história assim como na produção do conhecimento.

Ao longo dos anos e através de embates teóricos, o folheto de cordel também começa a aderir mudanças de paradigmas, possibilitando a prática e produção de mulheres cordelistas. Mesmo assim, algumas coisas não se perderam com o tempo, nenhuma das transformações, ainda, conseguiram eliminar a desigualdade de gênero. Um exemplo disso, é o recente movimento criado ano passado

(2020) por algumas mulheres, denominado de “Cordel sem machismo”<sup>8</sup> e que já conta com o apoio de mais de 70 coletivos, o movimento caracteriza o cordel como um instrumento de transformação social e une laços para combater o machismo ainda fortemente presente. Izabel Nascimento, uma dos membros do movimento pontua “Assim, a campanha é importante porque o grito coletivo das poetas não só fomenta esta oitiva, quanto desperta para a realidade que enfrentamos e abre passagem para os caminhos que nos são impedidos de trilhar” (NASCIMENTO, 2020, s/d). Izabel, segue ainda falando sobre a representação da mulher pelos cordelistas na sociedade atual;

Os inúmeros textos que desqualificam, xingam, ofendem e envergonham as mulheres e tudo o que faz parte do universo feminino também é uma expressão perversa que muitos poetas insistem em validar. Quando falamos em feminismo, a falta de entendimento conceitual de muitos, aliada à cômoda posição de privilégio que os poetas homens possuem, os fazem na maioria das vezes negar a sua condição de machista, no conceito estrutural da palavra (NASCIMENTO, 2020, s/d)<sup>9</sup>.

Diante do acima exposto, fica evidente que muitas conquistas foram alcançadas, mas ao mesmo tempo, condicionadas a essa dominação masculina, as mulheres ainda enfrentam barreiras para ocupar o seu lugar na sociedade, fruto de uma construção histórica e social. Dessa forma, a categoria do gênero precisa contemplar o máximo de elementos que girem em torno da realidade desse campo é por isso que essa temática do gênero é aqui atravessada pelo viés da comunicação popular, mais precisamente no veículo cultural de informação, denominado folheto de cordel.

### **Considerações finais**

Ao se fazer uma leitura dos resultados, podemos concluir que o tempo passou, nossa cultura mudou, mas os valores precisam ser reafirmados a cada dia. A temática do gênero demorou para ganhar espaço de discussão na sociedade, no caso do cordel, as mulheres passam a se tornar parte viva, integrante e ter visibilidade nesta área bem recentemente.

Mesmo em sociedade baseada em obstáculo, as mulheres desafiaram a realidade e conquistaram seu espaço, trazendo seu olhar intuitivo, reivindicando suas vozes e discutindo sobre os problemas

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/mulheres-se-mobilizam-contr-o-machismo-na-literatura-de-cordel-1.2967252>. Acesso em 30 de nov, 2020.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/mulheres-se-mobilizam-contr-o-machismo-na-literatura-de-cordel-1.2967252>. Acesso em 30 de nov. 2020.

sociais que ainda enfrentam, elas estão por aqui, ali e acolá destilando os seus versos, configuradas como sujeitos que se reinventam a cada momento, símbolo de luta e de resistência.

Até pouco tempo, nada sabíamos sobre mulheres cordelistas, as mulheres que apareciam eram os indivíduos submissos e inferiores, personagens das pelejas e folhetos dos cordelistas, contudo, não é uma generalização. No entanto, a mulher foi e continua sendo abordada em todos os ciclos temáticos do cordel. Trata-se, portanto, de acreditar que só podemos pensar em mudanças de comportamento nas relações de gênero problematizando-o em todos os meios e nos diversos segmentos, neste caso, no folheto de cordel, caracterizado como um dos principais símbolos da cultura brasileira.

Nesse sentido, a análise teórica-metodológica deste curto trabalho é apenas um preâmbulo de uma discussão que visa ser ampliada com o intuito de fornecer futuros caminhos a serem trilhados para fazer uma nova representação do feminino.

#### Referências bibliográficas

- ANDRADE, Dayane da Silva, NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo, PACHÚ, Jenifer Sara da Silva. Leituras do feminino a partir das rimas do poeta Manoel Monteiro. **Revista temática**. Ano XI, n. 01 - Janeiro/2015 - NAMID/UFPB.
- BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da críticafeminista à ciência. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(1): 288, janeiro-abril/2008.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- COSTA, Roberto Aurélio Lustosa da. **Antologia da Literatura de Cordel-VOL II**. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1978
- CORUJA, Paula. Comunicação e Feminismo: um panorama a partir da produção de teses e dissertações do campo da Comunicação entre 2010 e 2015. **Revista Ártemis**, vol. XXV nº 1; jan-jun, 2018. pp. 148-162.
- GRILLO, Maria Ângela de Faria. Evas ou marias? As mulheres na literatura de cordel: preconceitos e estereótipos. **Revista Esboços**— UFSC, v. 14, n. 17, 2007.
- MELO, José Marques de. **Mídia e Cultura Popular: História, Taxionomia e Metodologia da Folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.
- MENDONÇA, Maristela Barbosa. **Uma voz feminina no mundo do folheto**. João Pessoa: Thesaurus. 1993.
- PERROT, M. **As mulheres ou o silêncio da história**. Bauru: Edusc, 2005.

- PRODANOV, Cleber Cristiano, FREITAS, Ernani César de. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- REIS, Dayse. O trabalho das mulheres na agricultura familiar: da invisibilidade ao reconhecimento. In: LIMA, Irenilda de Souza. (Org). **Extensão rural e o desenvolvimento local: uma proposta metodológica para a relação da teoria com a prática**. Recife: EDUFRPE, 2012.
- SANTOS, Edmilson Ferreira dos. MELLO, Beliza Áurea de Arruda. REPENTISTA OU REPETISTA? **BOITATÁ**, Londrina, n. 22, jul-dez 2016
- SANTOS, Francisca Pereira dos. Mulheres Fazem... Cordéis. **Graphos**. João Pessoa, v. 8, n. 1, Jan./Jul./2006.
- SANTOS, Francisca Pereira dos. Poéticas da Cognição: Estratégias de composição mental em narrativas das vozes e da memória. **Neurobiologia**, 74 (3-4) jul./dez, 2011.
- SILVA, Susana Maria Velela da. A Contribuição dos Estudos de Gênero para a Compreensão da Geografia do Trabalho: uma pauta para discussão. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p.106 - 117, ago. / dez. 2013.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- VANNUCHI, Aldo. Cultura Brasileira, o que é, como se faz. Ed. Loyola. São Paulo, junho, 2006.
- WOLFF, Cristina Scheibe. POSSAS, Lidia M. Vianna. Escrevendo a história no feminino. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(3): 320, setembro-dezembro/2005.
- WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.